

Ano XXXVII - N.º 6

Revista Mensal

2,50 €

Junho 2021

MENSAGEIRO

de SANTO ANTÓNIO



O HOMEM
O FRADE
O SANTO

Sumário



Junho 2021 | N° 6 | Ano XXXVII

EDITORIAL

- 3** A Boa Nova da vida e da liberdade
Frei Severino

VOZ PARA VÓS

- 4** Santo António, pregador ecológico
Fabrizio Bordin

HOMEM E SOCIEDADE

- 6** Ponto e contraponto
Caminhante, não há caminho
Idalino Simões

- 8** Traços de uma Presença
Gritar alto um sussurro
Juan Ambrosio

- 10** Pés na Terra
Um combate de todos e por todos
Inês Espada Vieira

- 12** Memória e tradição
Santo António na devoção de Aveiro
Madalena Costa

ESPECIAL

- 15** Diálogos com António - 6
Santo António: o monge, o frade, o santo
Pedro Teotónio Pereira (Coord.)

CULTURA

24 Artes e Letras

- Livros
Rui Vasconcelos
Cinema
Pe. Manuel Monteiro Mendes

IGREJA A CAMINHO

26 Economia de Francisco

- A empresa social
David Santos

- 28** Espaço nova geração
Santa Engrácia de Braga
Luís Leal

PÁGINAS ANTONIANAS

- 29** Devoção
Orações a Santo António

- 30** Nos Passos de António - 15
A graça do encontro
Fabio Scarsato

- 32** António hoje
Um cardeal franciscano
Frei José Carlos Matias

- 34** Santo António mestre da palavra
Solidariedade universal
Frei Valentim Strappazon

CONTRACAPA

- 36** Fratelli Tutti
A política necessária - o amor político
A redação

Diretor

Frei José Augusto Marques
(Carteira Profissional TE-101)

Diretor-adjunto

Secundino Correia
(Carteira Profissional TE-1302)

Administrador

Frei Domenico Celebrin

Redação

Frei Severino Centomo

Proprietário e Editor

ACMSA - Associação Cultural Mensageiro de Santo António, entidade sem fins lucrativos (Pessoa Coletiva n.º 505 333 937)

Administração, Redação e Edição

Estrada de Assafarge, n.º 6
3040-718 Castelo Viegas

Atendimento:

segunda a quinta
das 10:00 às 12:30
e das 15:00 às 17:00

NOVO Telefone: 239 097 984

Correio eletrónico

mensageiro.assinantes@gmail.com

Preço da assinatura anual

Só digital:	15 €
Portugal:	22 €
Europa:	35 €
Fora da Europa:	50€ - \$75 (CAN)
Amigo:	50 €
Benemérito:	100 €

Preço avulso:	2,50 €
Números atrasados:	3,50 €

NIB da ACMSA

001000004251041000159

IBAN da ACMSA

PT50001000004251041000159
SWIFT/BIC: BBPIPTPL

Impressão

SERSILITO, Empresa Gráfica, Lda
Travessa Sá e Melo, 209
4471-909 MAIA

Número de Registo: 113.612
Depósito Legal n.º 26.837/89

Estatuto Editorial

<https://santoantonio.live/about/>
Edição digital
<https://santoantonio.live>

Tiragem do número anterior:
2.600 exemplares



Capa: Santo António, Pinacoteca dei Canonici, Pádua. Foto *Messaggero di Sant'Antonio* | *Deganello Giorgio*, 1995.

Editorial: Santo António servindo à mesa em Montepaolo. Sacristia da Igreja de Santo António dos Olivais, Coimbra. Foto *Babo Ribeiro*, 2013 | *Arquivo MSA*.

O Mensageiro de Santo António segue as normas do Acordo Ortográfico, desde janeiro de 2012.



A Boa Nova da vida e da liberdade

Frei Severino Centomo

Depois do fracasso do seu “sonho” missionário, António de Lisboa achou por bem retirar-se no ermitério de Montepaolo para “reformular” a sua vida, porque os estudos e as escolhas realizadas não tinham sido suficientes para encontrar o sentido da existência e a alegria da vida.

Foram dois anos de duro trabalho interior, com um único objetivo: acolher a Palavra de Deus, feita carne em Jesus, e deixar-se iluminar e orientar por ela.

Pelas contas de António, provavelmente, a vida inteira não seria suficiente para conseguir este objetivo, mas, uma vez compreendido que não devia ser ele a programar o itinerário da sua vida, entregou-se totalmente à vontade de Deus.

Não passaram dois anos e a voz do Senhor fez-se ouvir. Por ocasião de umas ordenações sacerdotais, António foi convidado a pregar na catedral de Forlì. Depois de ouvir o seu sermão, as pessoas ficaram... sem palavras! Tinham descoberto alguém que, como Jesus, não falava como os escribas e os doutores do Templo, mas com a força do Espírito que conseguia mexer os corações. Era o Espírito do Senhor que falava por meio dele!

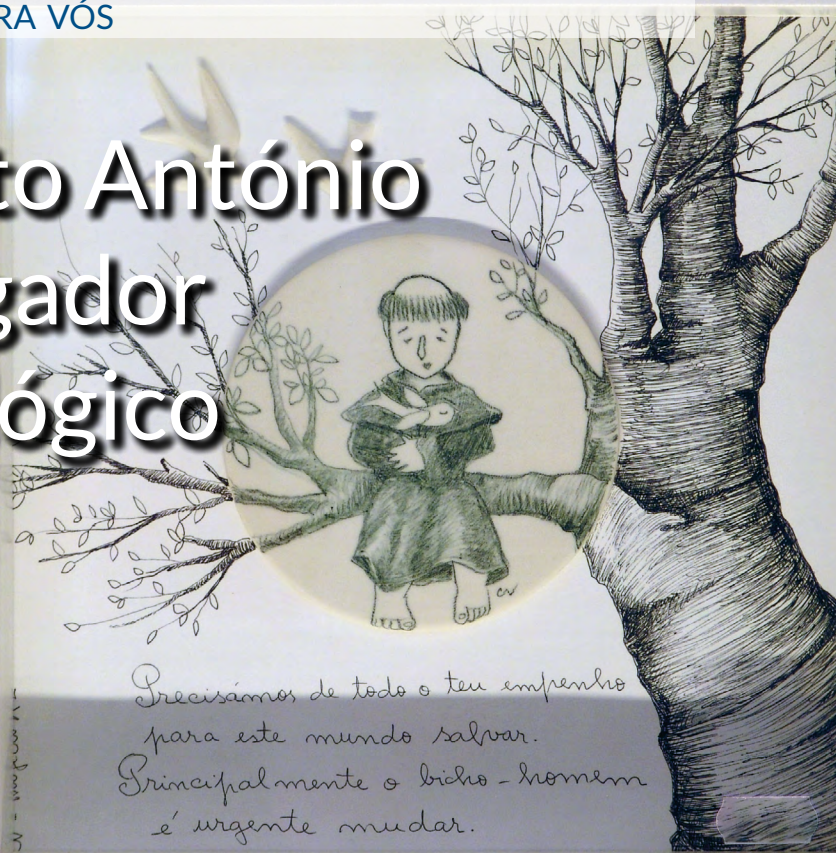
A fé cristã – afirma Dominique Collin – não é uma doutrina elaborada por esquemas racionalistas. O cristianismo, na nossa sociedade racionalista, corre o risco de morrer, porque foi objeto de lições racionais e de moral, tornando-se um conjunto de valores humanistas e fórmulas de catecismo.

Por exemplo, foi-nos ensinado que Deus é um “Ser” perfeitíssimo, mas Ele é Vida e Liberdade, Aquele que faz a diferença, que sacia a nossa fome de amor, de amor total que chega a amar os próprios inimigos. É isso que dá origem à perfeita alegria de viver.

A pregação de António teve um êxito extraordinário, porque era cativante e envolvente. António sabia levar as pessoas a encontrarem-se com o Senhor da Vida, que infundia neles a misericórdia e a paz. Mesmo quando as suas palavras eram cortantes como uma espada, os frutos produzidos eram o arrependimento e a mudança de vida.

Hoje, o nosso mundo parece indiferente diante da proclamação do Evangelho: será que as pessoas já não precisam do Amor do Senhor ou será que nós, os anunciadores da Boa Nova, já não sabemos como comunicá-la e, por isso mesmo, precisamos, em primeiro lugar, de entrar num verdadeiro caminho de conversão interior? ■

Santo António pregador ecológico



Frei Fabrizio Bordin

Exposição *Arte da Terra / Santo António*. Foto MSA 2015.

Acabámos no mês passado o Ano *Laudato Si'*, que o Papa Francisco quis para fomentar boas práticas à luz da Encíclica sobre o Cuidado da Casa Comum.

Costumamos associar o tema da ecologia, do respeito e da salvaguarda do ambiente a São Francisco. No entanto, também o nosso António de Lisboa tem algo para nos ensinar sobre o “cuidado da nossa mãe Terra”, não só através da sua vida, mas também através da sua palavra, nomeadamente nos *Sermões*, que estão repletos de referências à natureza.

Toda a sua vida é marcada por um contacto único com a natureza. Bastam algumas simples

pinceladas. A sua permanência na colina dos Olivais às portas da cidade de Coimbra onde abraçou os ideais da vida franciscana. A sua viagem até Marrocos e depois da Sicília até à cidade de Assis: um peregrinar por entre cidades, aldeias e serras, em contínuo contacto com a natureza, alimentado-se dos frutos silvestres. E, depois, de Assis até ao eremitério de *Montepaolo* no centro de Itália, onde ainda hoje existe uma gruta onde o nosso Santo costumava retirar-se em oração e contemplação. Finalmente, a planície de *Camposampiero*, com a cabana entre os ramos de uma nogueira, onde rezava e no final do dia pregava aos camponeses que regressavam dos campos.

Os exames aos seus restos mortais, em 1981, pelos professores de Medicina da Universidade

de Pádua, revelaram que Santo António foi um caminhante incansável e um grande penitente... muito tempo de joelhos e alimentação simples e frugal.

Mas o conhecimento da natureza e as referências ao ambiente revelam-se sobretudo nos *Sermões*, repletos de citações, não só da Sagrada Escritura e dos Padres da Igreja, mas também do livro da natureza.

Num tratado sobre os pregadores, escrito em meados do séc. XIII, por Umberto de Romanis, encontramos esta afirmação: “O bem-aventurado António afirmou que as criaturas são um livro”. De facto, António de Lisboa, na sua pregação, utilizou com grande profusão toda a informação do seu tempo sobre as ciências naturais e a sua interpretação, através dos vários

ASSINA E DIVULGA O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO



Agora podes pagar com Multibanco

A Entidade e Referência que constam do talão podem ser utilizadas para fazer o pagamento de qualquer valor da assinatura ou donativo.

São sempre válidas e cada assinante tem uma referência única, que permite identificar o pagamento sem necessidade de enviar o comprovativo.

Em alternativa podes aceder ao nosso sítio na Internet. No menu Assinantes encontra-se um formulário para efetuar qualquer pagamento ou donativo através de Multibanco, MBWay, Payshop ou Paypal.

Podes continuar, também, a utilizar a transferência bancária.



1989-3760

Pago até: Maio 2021

Entidade: 21721 Referência: **VER TALÃO**

Preço da assinatura anual

Só Digital (PC, Telemóvel e Tablet)	15 €
Edição impressa Portugal:	22 €
Edição impressa Europa:	35 €
Edição fora da Europa:	50€ - \$75

NIB: 0010 0000 42510410001 59

IBAN: PT50 0010 0000 42510410001 59

SWIFT/BIC: BBPIPTPL

<https://santoantonio.live>

manuais, chamados de “bestiários, ervários e lapidários”, encontrados nas bibliotecas de São Vicente de Fora em Lisboa e de Santa Cruz em Coimbra.

Nos *Sermões* de António, podemos encontrar 194 espécies animais, vegetais e minerais, num total de 605 referências; mas há também referências a elementos cósmicos e a fenómenos meteorológicos.

No entanto, Santo António não é “ecológico” como São Francisco. Para Francisco de Assis as criaturas são algo de concreto (irmãos e irmãs, cf. o *Cântico das Criaturas*) e objeto de contemplação e louvor a Deus. Para António as criaturas são

alegorias e símbolos para o seu ministério de pregação moral aos homens.

Contudo, o conhecimento e a seriedade com que António recorre ao “livro da natureza” para pregar a conversão a Cristo e ao Evangelho, poderiam ajudar-nos, como crentes, a iluminar a nossa reflexão sobre a espiritualidade e a ecologia integral de que fala o Papa Francisco na *Laudato Si’*.

Um exemplo curioso é quando Santo António fala da abelha:

O nome abelha (apes em latim) provém de “a” privativo, que significa “sem”, e pés, pelo fato de parecer nascer sem pés. Ou também têm este nome porque ligam entre elas os pés.

Num dos sermões a abelha é utilizada para representar a pureza da Virgem Maria, num outro como modelo de Maria Madalena que vai ao sepulcro de Cristo e ainda, num outro, como símbolo de Cristo ou como modelo do pregador. Deste modo, Santo António procura constantemente elementos da natureza interpretando-os simbolicamente, como espelho de Deus e pegadas que nos levam ao mesmo Criador. Talvez valha a pena aprofundar os estudos sobre a pregação de Santo António de Lisboa para descobrir, há 800 anos atrás, a sua pegada ecológica, como bom filho de São Francisco. ■

Caminhante, Não há caminho...

Sínodo dos Bispos, cidade do Vaticano, 2008. Foto Christian Gennari.

À direita: Participantes do *Caminho Sinodal da Igreja Alemã*, na primeira Assembleia em Frankfurt, no final de janeiro de 2020. Foto EPA.

Idalino Simões

Para iniciar o texto deste mês escolhi as palavras do poema de António Machado:

*Ao andar se faz caminho,
e ao voltar a vista atrás
se vê a senda que nunca
se voltará a pisar.*

O Papa Francisco, ao lançar à Igreja o desafio da sinodalidade, desinstala velhas visões dum clericalismo que urge ir removendo, não apenas das organizações eclesiais, mas sobretudo do pensar de muitos dos homens da igreja. A sinodalidade, essa antiga forma de decisão em comunhão, aparece hoje nos projetos pastorais de muitas dioceses.

A experiência do sínodo e as repercussões do texto *Querida Amazônia* deixam no ar o sonho de uma comunidade onde todos são parte e protagonistas do anúncio do Evangelho. O Sínodo não foi apenas a sua realização como acontecimento, mas foi sendo vivido nas pequenas comunidades, num trabalho impressionante de escuta de todos e não apenas das “cabeças pensantes”.

Recordo que quando passou por Coimbra, D. Helder contava a sua experiência com grupos de cristãos das “periferias sociais e económicas” quando com eles refletia e as pessoas diziam que não sabiam, que não tinham conhecimentos. E ele respondia-lhes: “Mas você tem cabeça para pensar...”.

UMA IGREJA QUE ESCUTA OU UMA IGREJA QUE SE IMPÕE

Nesse sentido devem referir-se algumas experiências sinodais que vão já abrindo esses caminhos: o Sínodo da Igreja Alemã, o sínodo da Igreja Australiana, as experiências sinodais que estão a iniciar-se no Celam, e os Sínodos em preparação na Igreja Irlandesa e na Igreja Italiana.

Sublinho, pelas polémicas levantadas, a experiência sinodal alemã que propõe o debate e a preparação de decisões pastorais sobre estes pontos:

1. O poder e a separação de poder na Igreja, colaboração no mandato missionário comum;
2. A vida sacerdotal hoje;
3. O papel das mulheres na Igreja;
4. A vida relacional, viver o amor e a sexualidade nos casais.

As campanhas de alarme soaram com estrondo: o cardeal Raymond Leo Burke pediu que o sínodo fosse anulado e o bispo Juan Ignacio Arrieta, da Cúria Romana, condenou o episcopado alemão pela escolha de convocar um sínodo sem ter obtido nenhuma autorização de Roma. O papa enviou uma carta a 21 de setembro de 2019:

Sempre que uma comunidade eclesial tentou resolver os seus problemas sozinha, confiando apenas nas próprias forças, métodos e inteligência, terminou por multiplicar e alimentar os males que queria superar.

Sem dar soluções a cada um dos problemas, Francisco convidava a alimentar um vivo *Sensus Ecclesiae*, porque “o caminho empreendido não deve terminar isolado nas peculiaridades” e advertindo que

“se pode cair em subtis tentações a que é necessário prestar especial atenção e cuidado, já que, longe de nos ajudarem a caminhar juntos, manter-nos-ão prisioneiros e instalados em esquemas recorrentes que acabam por desnaturalizar ou limitar a nossa ação...”

Depois da primeira assembleia já realizada, aguardamos o tempo das próximas notícias deste caminho que, como afirmava o cardeal Reinhard Marx, depois de esclarecer as dúvidas da Santa Sé, irá propor reformas, mas nunca sem Roma.

Especial atenção deverá merecer-nos, também, a Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe a realizar em outubro. Começou já o processo de escuta (de Maio a Julho) de todo o Povo de Deus com o objetivo de gerar diversos diálogos e atividades que “serão o fio condutor de todo o processo de discernimento para e durante a Assembleia”.

O Papa Francisco expressou na sua saudação inicial à Primeira Assembleia Eclesial que “a Igreja

se dá ao partir o pão, a Igreja se dá com todos sem exclusão e uma assembleia eclesial é um sinal disso: de uma Igreja sem exclusão”. Igreja missionária, Igreja em saída e Igreja sinodal são as referências para uma consulta ao povo de Deus.

Os materiais de preparação e os guias de orientação revelam um trabalho profundo e exigente dos responsáveis pela Assembleia sinodal que, estou convencido, poderá ser um excelente desafio para toda a igreja.

De notar ainda que, em meados de maio, na Conferência do CELAM (Conselho Episcopal Latinoamericano), será apresentada e debatida uma reformulação profunda desta estrutura de apoio às diferentes dioceses que a constituem. Tudo leva a crer que haja uma participação não só dos Bispos, mas de representantes das comunidades.

IRLANDA E ITÁLIA (DEPOIS DE UMA INSISTÊNCIA DO PAPA FRANCISCO) ESTÃO TAMBÉM A PREPARAR AS SUAS ASSEMBLEIAS SINODAIS

E em Portugal? Depois de uma tentativa séria lançada pela Conferência Episcopal em 2010 “Repensar juntos a pastoral da Igreja em Portugal”, não será altura de retomar esse projeto inacabado, agora com novos dados e aproveitando algum desse trabalho?

De Dom Pedro Casaldáliga:

*É tarde,
porém é nossa a hora.*

*É tarde,
porém é todo o tempo que temos à mão
para fazer o futuro.*

*É tarde,
porém é madrugada
se insistirmos um pouco. ■*



Gritar um sussuro

Mulher palestina à janela, após mais um ataque israelita. 219 pessoas, incluindo 63 crianças, morreram e 1500 ficaram feridas nos ataques à faixa de Gaza. Em Israel as vítimas terão sido 10, das quais 2 crianças. Foto EPA/HAITHAM IMAD, 10 de maio 2021.

Juan Ambrosio

Continuo, nesta partilha, a tentar identificar os grandes desafios do momento presente. A nossa vida e as nossas rotinas aproximam-se cada vez mais daquilo a que estávamos habituados. Já nos encontramos com mais gente, já ousamos fazer saídas em conjunto, já marcamos almoços e jantares com amigos e familiares, já podemos ir ao teatro, ao cinema e a outros eventos culturais, e muitos outros «já» de que sentíamos tanta falta.

As fronteiras estão abertas, os voos estão a multiplicar-se e os turistas começam a chegar num número significativo. O tempo também começa claramente a convidar às saídas e fins de semana noutros lugares, pelo que se animam os hotéis, as casas rurais, os turismos de habitação e tantos outros complexos turísticos que aguardavam ansiosamente por estes dias. As férias começam a aproximar-se e estão a ser pensadas e marcadas com todo o entusiasmo.

Também as ruas se animam de outra maneira, com o comércio e as lojas abertas. As pessoas regressam, de uma maneira mais evidente, aos seus locais de trabalho, permitindo que as casas retomem a sua missão habitual,

abandonando o papel *multitask* que durante tanto tempo desempenharam ao transformaram-se, quase que subitamente, em local de trabalho, escola, ginásio, igreja e tantas outras coisas, à medida que as necessidades iam sugerindo.

Entre nós, o número de vacinados vai aumentando a um ritmo que muitos julgaram até não ser possível, de tal modo que começámos a acreditar que a meta da tão ansiada imunidade de grupo já não é uma miragem longínqua. E se temos consciência de não ser assim em todas as partes do mundo, pois muitos ainda estão a passar muito mal, e se reconhecemos que ainda não podemos abandonar as atitudes cuidadosas,

a verdade é que estamos muito contentes por já não faltar muito para podermos, de novo, abraçarmo-nos e estarmos uns com os outros sem grandes preocupações.

Quando tudo parece claramente ir em direção da normalidade, eis que se torna urgente voltar a fazer escutar aquela interpelação sussurrada ao ouvido do Cardeal Jorge Mario Bergoglio, no dia 13 de março de 2013, poucos momentos depois da sua eleição para exercer, na Igreja, o Ministério de Pedro: *Não te esqueças dos pobres.*

Hoje conhecemos bem o impacto profundo que essas palavras tiveram. Bergoglio escolhe o nome de Francisco, tendo bem presente o estilo de vida do santo de Assis e coloca os pobres no centro da atenção e ação da Igreja.

A este propósito convém revisar e nunca esquecer o que a esse respeito afirmou na Exortação *Evangelii Gaudium*:

Se a Igreja inteira assume este dinamismo missionário, há-de chegar a todos, sem exceção. Mas, a quem deveria privilegiar? Quando se lê o Evangelho, encontramos uma orientação muito clara: não tanto aos amigos e vizinhos ricos, mas sobretudo aos pobres e aos doentes, àqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, «àqueles que não têm com que te retribuir» (Lc 14, 14). Não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem esta mensagem claríssima. Hoje e sempre, «os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho», e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio

trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos!

Tão central é este vínculo para Francisco que não hesita em afirmar como para a Igreja, a opção pelos pobres é essencialmente uma categoria teológica mais do que cultural, sociológica, política ou filosófica, sendo esta chamada a reconhecer a força salvífica das suas vidas e a colocá-los no centro do seu caminho, sem ter medo de ser uma Igreja pobre para os pobres (cf. EG, 198). De tal modo esta opção é decisiva, que ficar surdo ao clamor dos pobres é não estar atento à vontade de Deus, ficando fora do seu projeto (cf. EG, 187).

Esta chamada de atenção, neste preciso momento, não quer em nada diminuir o entusiasmo pelo fim do desconfinamento, nem quer ser um apelo romântico à pobreza. Aliás os textos citados dão a centralidade aos pobres, não à pobreza, sobretudo aquela que é indigna do ser humano e que deve ser combatida sempre e em todos os locais.

Mas não tenhamos ilusões, não nos podemos distrair, pois os longos meses de pandemia vão cobrar agora, de um modo mais evidente, a sua fatura. À medida que tudo vai regressando ao normal, as proteções que fomos capazes de construir vão desaparecendo e muitos mais sofrerão com isso. A qualidade humana da sociedade que somos chamados a construir exige esta atenção muito cuidada aos mais frágeis e desprotegidos.

As comunidades cristãs têm de ser sempre, mas de um modo especial em momentos como estes que estamos a viver, sinal e testemunho desta opção preferencial pelos pobres. Têm de dar-lhes voz e visibilidade, criando as condições para que possam ser protagonistas da sua dignificação. Por isso, no momento em que a nossas sociedades se estão a reorganizar para seguir em frente, é preciso que o sussurro soe bem alto, de modo a que nunca nos esqueçamos dos pobres, de modo a que ninguém fique esquecido para trás. ■



Mais de 5000 migrantes chegaram a nado cruzando a fronteira de Tarajal, em Ceuta, 17 de maio de 2021. Foto EPA/ Brais Lorenzo.



Um combate de todos e por todos

Inês Espada Vieira

No dia 15 de maio passado de manhã, o assunto estava no *feed* do meu *Facebook*, com a imagem de um jornal *online*, onde se lia uma lista de nomes de deputados e à frente do nome de uma deputada, entre parêntesis, o adjetivo *preta*.

A notícia da Agência Lusa sobre a composição da Comissão Eventual para a Revisão Constitucional, assinada pelo jornalista Hugo Godinho, fora reproduzida em diversos *sites* dos media de referência portugueses. Preta. Uma informação quase burocrática com os no-

mes dos deputados membros e suplentes da referida Comissão e com aquela palavra. Melhor, com aquele insulto. Foi assim, aliás, que a deputada Romualda Fernandes, o nome a que se seguia o (*preta*), o sentiu.

Romualda Fernandes (n. 1954) é jurista e tem um longo percurso de serviço público na Guiné-Bissau, de onde é oriunda, e em Portugal. Antes de ser eleita deputada à Assembleia da República pelo Partido Socialista na presente legislatura, desempenhava funções como vogal do Conselho Diretivo do Alto Comissariado para a Imigração. O seu currículo profissional e cívico, nomeadamente como mulher católica, é conhecido, reconhecido e consistente.

É pouco provável que um jornalista de política ou que um leitor atento não conhecesse já Romualda Fernandes. No início da legislatura, foi amplamente noticiada (na imprensa, na rádio e na TV, para além de nos novos media) a eleição de três deputadas negras: além de Romualda Fernandes, também Joacine Katar Moreira (atualmente deputada não-inscrita, mas eleita pelo Livre) e Beatriz Gomes Dias (do Bloco de Esquerda). Portanto, a justificação apresentada pelo autor da notícia de que teria sido um apontamento pessoal para recordar o nome da pessoa, inadvertidamente passado para a notícia final, parece no mínimo duvidosa.

Em qualquer caso, e apesar do texto ter um autor (autor, autoria e autoridade, como sabemos, andam juntos e, já agora, todos trazem consigo responsabilidade), o que importa aqui é pensar no ato e procurar refletir sobre a resposta que podemos dar ao racismo e aos atos racistas.

Numa peça da agência noticiosa do país, uma deputada da nação foi identificada a partir da cor da pele com a palavra *preta*. Não é irrelevante, creio, o facto de ter acontecido com uma deputada. Não agrava nem alivia em nada o sucedido, mas dá-lhe um contexto que podemos relacionar com a habitual deferência que o cargo recebe. Desta feita, não recebeu. Nem o cargo, nem a pessoa, nem todos nós. Porque o racismo é um assunto de todos os cidadãos.

Houve várias notícias e ecos da situação. Num âmbito institucional, o editor de política da Lusa demitiu-se imediatamente, o presidente, Marcelo Rebelo de Sousa, e o presidente da Assembleia da República, Eduardo Ferro Rodrigues, declararam “inaceitável” o modo como tinha sido referida a Deputada, o Partido Socialista e o seu grupo parlamentar repudiaram veementemente o acontecido. No foro mediático, houve artigos de opinião, comentário em espaço humorístico na rádio, ou tomadas de posição pública, por exemplo.

Antes escrevi que a palavra *preta* era um insulto. É. Não o é no abstrato, claro. Mas pode sê-lo no concreto. É evidente que esta é uma dessas situações.

A palavra *preta* tem uma história e não, não é normal usá-la nem para apontamento pessoal e menos ainda com o argumento de que escrever *preto* porque é o contraste de *branco*. Não é.

Sugiro neste âmbito a leitura do artigo da socióloga Cristina Roldão, “A questão racial no caso da Lusa” (*Público*, 15-5-2021), e as declarações da linguista Ana Margarida Abrantes à jornalista do Expresso (14-5-2021), Christiana Martins: “as palavras não são neutras – e não são as designações que são problemáticas, mas sim a ligação a essas realidades”. Insisto, nesta realidade, a palavra *preta* foi um insulto.

Das declarações da Deputada ao *Público* queria salientar três linhas de reflexão de que não devemos abdicar: a primeira é que se tratou de um insulto racista

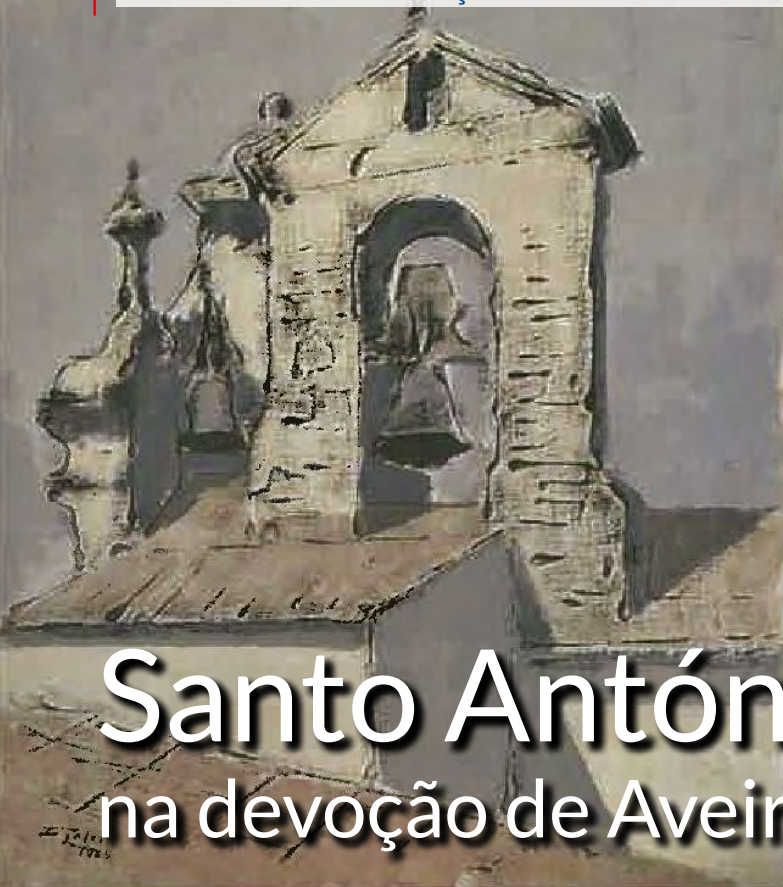
e que Romualda Fernandes o sentiu como tal; a segunda é a de que existe racismo e preconceito e não podemos ter medo de “chamar as coisas pelos nomes”; finalmente, a ideia de que numa sociedade democrática, o combate contra o racismo é uma tarefa verdadeiramente de todos e não apenas de alguns.

Pensemos nisto. A sério, pensemos mesmo. E tenhamos a bravura para agir: à mesa do jantar em família, nos projetos educativos escolares, nas nossas relações sociais, no jornalismo que consumimos e nos comentários que partilhamos, nos fóruns virtuais ou presenciais da Igreja, etc.

Agir veementemente contra o racismo é uma atitude cívica e humana, é um combate de todos e por todos. ■



Ao centro, da esquerda para a direita, Carla Madeira, Inês Espada Vieira, Romualda Fernandes e José Leitão, do Centro de Reflexão Cristã, em Lisboa.
À esquerda: Romualda Fernandes na Assembleia da República. Fotos do Facebook.



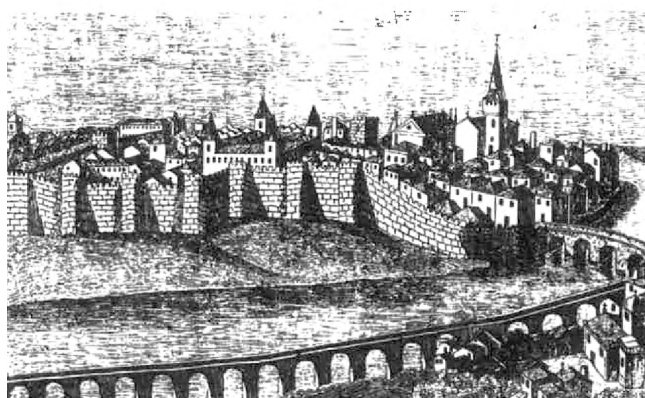
Madalena Costa

Santo António na devoção de Aveiro

Santo António de Lisboa, também conhecido por Santo António de Pádua, na verdade tem como nome de batismo, o de Fernão (Fernando) Martins de Bulhões. Além de ser um santo popular, de particular devoção nacional, celebrado a 13 de junho, Santo António é um Santo universal, ‘global’, na linguagem moderna, de tal forma que a “nossa igreja portuguesa” em Roma, é denominada Igreja de Santo António dos Portugueses.

A devoção a Santo António em Aveiro, é antiga, remontando ao final da Idade Média, início da Idade Moderna, sécs. XIV-XV, na Igreja da única freguesia, de S. Miguel, do burgo de então, a partir do qual se desenvolve a vila.

A Capela de Santo António dos Presos, anexa à Igreja de São Miguel de Aveiro, corresponderá à primeira referência à devoção a Santo António em Aveiro, uma capela com o seu orago, para os presos ouvirem Missa.



- Imagem da Torre Sineira do Convento de Santo António de Aveiro - Óleo de Cândido Teles (reprodução).
- Santo António de Lisboa - Sé de Aveiro – MA Inv. 103/B.
- Mapa do burgo de Aveiro (reprodução).



**Madalena Cardoso da Costa -
Museu de Aveiro/ Santa Joa-
na (MA/SJ)**

Licenciada em História da Arte. Mestre em Ciências da Educação, com a dissertação “Museus em Educação em Portugal”. Doutoranda em História / História Contemporânea / Museologia em Portugal no séc. XX, pela FLUC.

AS IGREJAS GEMINADAS DE SÃO FRANCISCO E DO CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DE AVEIRO

Na tradição da Ordem dos Frades Menores Franciscanos, em Portugal, é comum a geminação de igrejas de S. Francisco e de Santo António (Ponte de Lima e Vila do Conde, e, nos Açores, na ilha de São Miguel). Também em Aveiro se encontram as igrejas geminadas de S. Francisco e do Convento de Santo António.

Após o seu mais recente restauro, foram abertas ao culto, sob autorização da Diocese de Aveiro; contudo a sua espiritualidade mantém-se ligada à Ordem dos Frades Menores.

Em anexo têm um núcleo museológico, numa área em dois pisos, incluindo a Casa do Despacho da Irmandade, na qual, na quarta feira de Cinzas de 2020, foi inaugurada a exposição “Procissão das Cinzas”, evocativa da Procissão realizada em Aveiro, até meados do séc. XX (1955). Promovida pelo MA/SJ (DCT/CMA), integrou obras desse núcleo museológico: imagens processionais alusivas à vida de S. Francisco de Assis e de outros franciscanos, alfaia litúrgica e paramentos.

O acesso a este núcleo museológico, faz-se por entrada independente e encontra-se à responsabilidade da Fraternidade Franciscana Secular de Santo António e de S. Francisco, de Aveiro, sob o Ordinário, da Ordem dos Frades Menores.

IMAGENS DE SANTO ANTÓNIO: DOS CONVENTOS AO MUSEU

No Museu de Aveiro (MA/SJ), provenientes de conventos extintos de Aveiro e de outros de Lisboa, de Coimbra, da Sé de Aveiro, da Mitra, de outras casas religiosas (do período liberal até à república), inúmeras obras de arte e espólios integraram as coleções do museu em 1911-1912,

quando instalado no antigo Mosteiro de Jesus de Aveiro, da Ordem Dominicana feminina, classificado como património nacional, em 1910 (a Igreja de Jesus e o Túmulo da Princesa Santa Joana).

Nas coleções do Museu, encontra-se, assim, um núcleo de esculturas de vulto de Santo António, patentes nos circuitos do *Percurso Monumental* e *Exposição Permanente*, ou apresentadas, como “peça do mês”, ou em “exposições temporárias”.

Da devoção a Santo António, no Convento de São João Evangelista de Aveiro (Ordem Carmelita Descalça, feminina), os testemunhos materiais chegam aos nossos dias. Exemplo disto é o medalhão, em argila branca cozida, reprodução de um molde conventual das Carmelitas de Aveiro, com a representação de Santo António com o Menino, com umas flores na mão (lírio ou açucena, símbolo de pureza). Este molde faz parte da coleção de moldes conventuais que integram, desde a origem, as coleções do Museu.



Fig. 1

Santo António com o Menino: escultura do barroco português, do séc. XVIII (2ª metade), em madeira policromada, estofada e dourada, proveniente do Convento das Salésias, Lisboa. Esta imagem encontra-se num nicho na Capela de Nossa Senhora da Conceição, anexa ao Coro Alto do Museu; foi obra em destaque no Museu, no mês de fevereiro de 2020 (Fig. 1 - Inv. 30/B).

Santo António: escultura de vulto de trabalho português, do séc. XVIII, em madeira policromada e dourada, com decoração (e técnica) de estofado, esgrafitado e puncionado, proveniente do Convento das Salésias de Lisboa (Fig. 2 - Inv. 129/B). Foi obra em destaque, no mês de junho de 2020, no Museu.

Santo António com o Menino: também trabalho português, do séc. XVIII (2ª metade), em madeira policromada, com decoração estofada e dourada.

Quer o Santo, quer o Menino Jesus têm resplendores de prata com aplicação de pedraria policroma. É uma imagem proveniente do Convento de S. João Evangelista, das Carmelitas, de Aveiro (Fig. 3 - Inv. 8/B).

Santo António de Lisboa: trabalho português, do séc. XVIII, em madeira policromada, estofada e dourada, proveniente da Sé de Aveiro (Inv. 103/B).

Santo António, Cónego Regrante de Santo Agostinho: imagem portuguesa, do séc. XIX, em madeira policromada, vestindo o hábito dos “Cónegos Regrantes de Santo Agostinho”, proveniente da Sé de Aveiro (Inv. 25/B).

Santo António: uma escultura de vulto, contudo incompleta pois já não tem a cabeça, trabalho português do séc. XVIII, em madeira policromada, estofada e dourada, também proveniente do Convento das Salésias, de Lisboa (Inv. 92/B).

SANTO ANTÓNIO, DE AVEIRO PARA O MUNDO

Por fim, a atestar e reiterar a ligação de Aveiro à universalidade de Santo António, refere-se aqui a pintura (Fig. 4) da Princesa Santa Joana, filha de D. Afonso V, que viveu e morreu no antigo Mosteiro de Jesus de Aveiro, atual Museu, na Igreja de Santo António dos Portugueses, em Roma, que a representa vestida com o hábito dominicano, túnica branca e véu preto, acompanhada por D. João II, seu irmão. Trata-se de uma pintura italiana de Michelangelo Cerruti (1663-1748). ■



Fig. 3



Fig. 4



Fig. 2

Na noite de
13 de Junho de 2020:
Lisboa,
Coimbra
e Pádua,
as três cidades
por excelência
antonianas,
estiveram unidas,
para falar de
Santo António.

Diálogos com António 2020

6



Santo António: o monge, o frade, o santo

Coordenação: Pedro Teotónio Pereira

13
JUN

Santo António: o monge, o frade, o santo
Frei Fabrizio, Frei Luciano Bertazzo, Frei Jorge Marques, Pedro Teotónio Pereira

**Diálogos
com António 2020**

Frei Severino Centomo



Frei Fabrizio



Frei Luciano
Bertazzo



Frei Jorge Marques



Pedro Teotónio
Pereira

2020 UM ANO ESPECIAL

Pedro Teotónio Pereira

O ano de 2020 foi um ano especial. Comemoraram-se os 800 anos de um período muito intenso na vida de Santo António: foi em 1220 que Santo António recebeu em Coimbra as relíquias dos Mártires de Marrocos, tomou o hábito franciscano, mudou o nome de Fernando para António e partiu de Portugal para Marrocos. E foi especial também pela forma como se celebrou. Este ano de confinamento, com a festa religiosa e popular condicionada, tornou-se numa oportunidade para refletir sobre a importância e a atualidade do pensamento e vida de Santo António.

Por isso, nesta data de celebração dos 800 anos de mudança na vida de Fernando de Bulhões, evocamos os primeiros anos e a juventude da sua vida.

Na verdade, pouco se sabe da sua infância e adolescência. O que nos chegou refere-se sempre a episódios pontuais, por vezes marcantes e que exprimem uma certa rutura – a cruz que fez na pedra da Sé Catedral de Lisboa para afastar as tentações do demónio, a mudança de Lisboa para Coimbra na busca de tranquilidade, a decisão radical de se tornar franciscano e de mudar de nome, a partida de Portugal, a viagem tempestuosa para Itália.

É o percurso de um jovem, que seguindo as suas inquietações, iniciou os seus estudos na Sé Catedral de Lisboa, depois ingressou nos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho em São Vicente de Fora. Com cerca de 15 anos pediu transferência para Coimbra onde permaneceu mais 10 anos aprofundando os seus estudos e onde conheceu e ficou fascinado pela Ordem Franciscana.



Pedro Teotónio Pereira é coordenador do Museu de Lisboa – Santo António, na Câmara Municipal de Lisboa.

Colaborador assíduo do *Mensageiro de Santo António* na rubrica *Memória e Tradição*.

Partiu de Portugal em 1220 e os últimos dez anos da sua vida serão em Itália e sul de França, onde revelará toda a sua eloquência e conhecimento, adotando a cidade de Pádua como sua, a qual lhe ergueu uma magnífica basílica onde permanecem os seus restos mortais.

A reflexão sobre *o monge, o frade, o santo*, leva-nos a acompanhar o percurso deste jovem numa época extraordinária de abertura ao mundo e, ao mesmo tempo, lança um desafio aos jovens de hoje sobre as respostas a dar na atualidade à eterna inquietação da juventude.

ANTÓNIO: O HOMEM, O FRADE, O SANTO

Frei Fabrizio Bordin

A IGREJA E A EUROPA NO TEMPO DE SANTO ANTÓNIO

Até aos 20 e poucos anos, António não é António, mas Fernando. *Nasce em Lisboa no final do séc. XII (15 de agosto de 1195) e morre nos inícios do séc. XIII (13 de junho de 1231).*

Lisboa tinha sido reconquistada aos mouros uma centena de anos antes e a Europa, como sempre de resto, estava marcada por divisões políticas e permanentes conflitos entre as classes sociais. Mas o que saltava à vista e afligia mais era a contenda entre o papado e o império.

Por detrás destas lutas pelo poder, assistia-se a outro fenómeno significativo: a renovação da vida eclesial, a reforma da Igreja e a reevangelização da Europa, graças a um Papa de grande visão, Gregório IX, que se ocupou das coisas de Deus e da tão precária situação dos bispos, padres e fiéis. Mérito deste grande pontífice foi o de ter lançado nesta missão evangelizadora da Igreja as ordens mendicantes: franciscanos e dominicanos. Foi ele que canonizou Francisco de Assis, em 1228, António de Lisboa, em 1232 e Domingos de Gusmão, em 1234: um trio maravilha!

O JOVEM FERNANDO: DE LISBOA A COIMBRA

A santidade de Fernando, o futuro António, germina em Lisboa, ao pé da porta de casa, nas ruas e becos à volta da Sé, em Alfama.

Na época medieval não havia o cuidado de registar e festejar o dia do aniversário, portanto não temos registos da data de nascimento de António. Podemos, contudo, fixar o ano do seu nascimento, em 1195, graças às suas primeiras biografias – a *Assidua*, a *Raymundina*, a *Benignitas* e a *Legenda dos Mártires de Marrocos* –, textos redigidos no séc. XIII em diferentes áreas geográficas: Pádua, França e Portugal. Na época barroca, ao ano de nascimento foi acrescentado o dia e o mês: 15 de agosto. Uma das primitivas biografias especifica ainda que os pais, muito novos, tinham uma moradia digna do seu estado de nobreza, do lado ocidental da catedral de Lisboa e que na “sagrada pia baptismal deram-lhe o nome de Fernando”.

Faltam-nos dados suficientes para reconstituir o ambiente familiar de António, a sua infância e a sua personalidade. Mas porquê esta escassez de informações biográficas?



Frei Fabrizio Bordin

Delegado Provincial dos Frades Menores Conventuais em Portugal.

Guardião do Convento de São Maximiliano Kolbe, Lisboa. Pároco das paróquias de São Maximiliano Kolbe, Santa Clara e Santa Beatriz, Chelas, Lisboa.



Em cima: Lisboa – vista da Igreja de Santo António, Sé Catedral, bairro de Alfama e Mosteiro de São Vicente de Fora ao fundo. Foto Marc Gulbenkian. À direita: Coimbra – Igreja de Santo António dos Olivais. Foto MSA 2020..

Talvez o primeiro responsável seja o próprio António que, ao longo da sua vida, na relação com os frades e nos ambientes por onde passou, sempre primou pela discrição. Nunca falava de si mesmo, da sua origem nobre, dos títulos familiares, dos seus colegas de infância, dos seus êxitos académicos... Desde a sua juventude, nunca foi uma pessoa autorreferencial!

Contudo, apesar das parcas informações que possuímos, é possível, com base nas crónicas da vida social e eclesiástica daquela época, relativas a Lisboa e Coimbra, obter dados interessantes para a compreensão do jovem Fernando.

O Concílio Lateranense III, celebrado em 1179, tinha dado indicações concretas no que diz respeito à formação do clero: cada sede episcopal tinha a obrigação de dispor de uma escola de formação para os jovens que aspiravam à vida clerical ou para quem desejasse aprofundar a cultura sacra. E o episcopado de Lisboa assumiu a sério a formação dos seus jovens.

Daí que, entre os 6-7 anos e a adolescência, Fernando tenha recebido uma sólida formação catequética e litúrgica, mas também nas outras disciplinas, como a gramática, a escrita, a aritmética, a música, a geografia, a história e as ciências.

Foi neste ambiente que surgiu em Fernando o desejo de se consagrar ao Senhor e de ingressar no Mosteiro de São Vicente de Fora, para viver entre os cônegos de Santo Agostinho, que representavam para ele o ideal evangélico.

O mosteiro erguia-se numa colina de Lisboa, com uma vista ainda hoje deslumbrante sobre o Tejo. Dependia do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, fundado por São Teotónio, também ele um eminente santo português.

As bibliotecas de São Vicente e de Santa Cruz eram do melhor que havia em terra lusitana para a formação intelectual e espiritual dos cônegos de Santo Agostinho, que mantinham contactos com os mosteiros franceses, sobretudo São Vitor, em Paris.

Em São Vicente de Fora, o jovem Fernando – escreve o autor da *Assidua* – “viveu ao longo de dois anos”. Depois, não suportando mais a contínua pressão dos amigos e familiares que queriam fazê-lo desistir, obtém autorização de transferência para Coimbra, para aí prosseguir a sua formação religiosa e o seu discernimento.

Com 15 anos de idade, Fernando despediu-se do ambiente familiar, social e eclesial de Lisboa. Terá tido saudades da luz e da brisa suave da cidade das sete colinas e dos cheiros entre Mouraria e Alfama? Não o sabemos.

Mas sobressai o perfil de um jovem discreto, transparente, disponível, livre, inteligente e simples. Desde cedo, teve um guia espiritual que o introduziu na escola da catedral. Não se deixou assustar e arrasar pelos momentos de turbulência que normalmente aparecem no tempo da adolescência, como aquela vez que contrariou as tentações do demónio traçando uma cruz na pedra da torre da catedral.

Foi decidido no caminho de discernimento vocacional, primeiro no mosteiro de São Vicente de Fora e depois no de Santa Cruz em Coimbra. Enfrentou com seriedade a formação académica e monástica em Santa Cruz, apesar dos maus exemplos e de brigas internas por parte de alguns monges, de que Fernando não fala publicamente.

Aprende a guardar no seu íntimo e a procurar ser coerente e honesto. Contudo cresce nele uma “santa inquietação” (Papa Francisco) que não o leva a refugiar-se num individualismo e numa vida medíocre, mas sim a sonhar uma “vida mais além”.

O jovem monge lisboeta Fernando, é modelo para os jovens do nosso tempo de uma vida contracorrente. Contra uma vida medíocre e do sofá; contra a maré de comodismo, da indiferença e do individualismo; contra a corrente do poder e da luta pelo poder da imagem. São todas dimensões que encontraremos, mais tarde, na pregação itinerante do frei António.

O FRADE ANTÓNIO, VOCAÇÃO MISSIONÁRIA E AO MARTÍRIO

No ano de 1219, em Coimbra, Fernando – fresco de estudos monásticos e acabado de ser ordenado sacerdote – encontra, pela primeira vez, um grupo de frades oriundos do centro de Itália que se preparavam para ir a Marrocos com o intento de evangelizar os muçulmanos ou, pelo menos, pregar no meio deles. Acabaram por ser perseguidos e martirizados de forma atroz: era o dia 16 de Janeiro de 1220.

Este encontro, talvez um pouco fortuito, com estes frades tão simples e jubilosos, deixou uma marca indelével no ânimo de Fernando, que, ao ver regressar, meses depois, os seus corpos sem vida e desfeitos, não hesitou em pedir algo que já andava a remoer no seu íntimo e que ia com certeza causar algum burburinho: trocar o Mosteiro de Santa Cruz pela Ermida de Santo Antão dos Olivais.

No auge do seu *curriculum* de monge e sacerdote, Fernando deixou para trás o nome escolhido pelos pais, os títulos académicos alcançados e iniciou uma nova aventura no eremitério, nas periferias da cidade universitária de Coimbra. O seu desejo era tornar-se um verdadeiro missionário, ao jeito daqueles frades simples, genuínos e jubilosos, que tinha encontrado na portaria do mosteiro de Santa Cruz a mendigar pão.

Na colina extramuros dos Olivais, Fernando despe a alva monástica e veste a túnica simples, próxima do traje dos pobres camponeses e peregrinos do seu tempo.



Revestido de uma nova identidade com o nome do santo eremita do deserto, António, inicia um tempo de noviciado, vivido na prática da vida fraterna, penitencial e itinerante.

Depois de alguns meses, António não receia comunicar aos seus superiores o sonho que acalenta: ser missionário tal como aqueles frades! Devia ser bastante teimoso, este noviço franciscano, que, em tão pouco tempo, conseguiu deixar para trás Coimbra – como um dia deixara Lisboa – e chegar até Ceuta, na África magrebina.

Mas a doença e uma viagem aventureira afastaram-no quer do sonho missionário em terras islâmicas, quer da sua terra natal, Portugal. Em 1221, na altura da festividade do Pentecostes, António aparece em

Assis no Capítulo Geral – uma espécie de grande jornada da juventude dos frades de toda a Europa de então – mas ele, António, era ainda, um ilustre desconhecido.

Sete anos mais tarde, a situação é totalmente diferente: o frade lusitano ocupava entre os Menores um lugar eminente e visível. Podemos afirmar isto não apenas pelo sucesso alcançado na pregação e na formação bíblica, teológica e pastoral dada aos frades, mas sobretudo por ter sido escolhido como ministro provincial para o norte de Itália e como membro de uma delegação de frades que, em 1230, foi enviada ao Papa Gregório IX para pedir esclarecimentos sobre alguns pontos da Regra e do Testamento de São Francisco.

A vida de António é breve, mas intensa. Nos últimos dias dedica-se à contemplação e à pregação junto do povo de uma pequena vila a vinte quilómetros de Pádua, Camposampiero.

É de lá que, no final da tarde do dia 12 de Junho de 1231, um carro puxado por bois leva António, doente, para Pádua, cidade onde quer acabar os seus dias. Chega às portas da cidade, ao pé da igreja do mosteiro das Clarissas, Arcella. Morre sussurrando “Vejo o meu Senhor!”. Dez meses depois é canonizado, graças à insistência do povo e do município de Pádua.

É significativo que o santo lisboeta tenha sido um dos primeiros santos dos inícios da epopeia franciscana. E não foi graças a Francisco que se converteu à vida minorítica, mas sim graças ao martírio daqueles cinco frades que queriam converter o mundo islâmico. Afinal, os cinco primeiros mártires franciscanos “perderam a cabeça”, mas conquistaram para as suas fileiras o Santo que, ainda hoje, é o mais amado no mundo cristão e o mais venerado entre os muçulmanos.

O SANTO DA PALAVRA

Nas *Fontes Franciscanas* (uma antologia dos Escritos e Biografias sobre São Francisco de Assis) encontramos António de Lisboa citado umas quinze vezes. A imagem que sobressai é a de pregador itinerante (*praedicator*) em obediência fiel ao mandato recebido de São Francisco. Uma segunda característica de António é a de primeiro mestre de teologia da ordem franciscana.



Em cima: *Basílica de Santo António de Pádua*. Foto MSA 2014.

À direita: *Lisboa – Igreja de Santo António*, que se ergue no local onde, segundo a tradição, nasceu Santo António. Foto MSA 2015.

Finalmente, a terceira é a função ministerial: ministro da província da Lombardia, assumindo um papel diretivo na vida dos Frades Menores.

São Boaventura, outro grande santo franciscano, apresenta António como “verdadeiro arauto” de Francisco, sobretudo pela sua função de pregador. O Papa Gregório IX, abismado com a sua sabedoria, chama-lhe “arca do testamento”.

António foi, deveras, o “Santo da Palavra”, um anunciador da alegria do Evangelho aos pobres, para utilizar uma terminologia amada pelo Papa Francisco.

SANTUÁRIO DE SANTO ANTÓNIO, EM LISBOA

Frei Jorge Marques

O Santuário de Santo António, em Lisboa, tem uma mensagem clara que quer transmitir a quem o visita: Aqui nasceu Santo António!

Segundo a tradição, este é o local onde nasceu Fernando de Bulhões. Tratando-se de uma família cristã, decidem batizar o pequeno Fernando na Sé Catedral. Aí, Fernando começa a sua vida cristã e descobre a sua fé: este é um testemunho importante sobretudo para os jovens, que valorizam não só as suas raízes humanas, mas também cristãs e culturais.



Frei Jorge Marques

Definidor Provincial da Ordem dos Frades Menores em Portugal.

Guardião da Fraternidade de Santo António, na Casa Igreja de Santo António, em Lisboa.

Mais tarde, Fernando de Bulhões ingressa nos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, no Mosteiro de São Vicente de Fora, pedindo depois transferência para Coimbra, onde continua os seus estudos por mais dez anos no Mosteiro de Santa Cruz.

Este percurso pode demonstrar alguma inquietação de Fernando. Pode ter-se sentido de alguma forma confinado pois, se por um lado tinha o coração cheio da palavra de Deus resultado dos seus estudos, por outro sentia o desejo de partilhar esse conhecimento, difundir o conhecimento que considerava estar fechado nas abadias e mosteiros, longe do povo.

Por isso, depois de conhecer os cinco frades que passaram por Coimbra, surge o desejo de os imitar e levar a Palavra ao coração de mais gente, principalmente daqueles a quem chamavam infieis. Trata-se do princípio de uma globalização da idade média, realizada pelos frades enviados por São Francisco um pouco por toda a Europa e mesmo até outros locais. No seguimento disto, Santo António ter-se-á sentido interpelado a participar numa nova aventura, nestes novos tempos de levar o Evangelho de Cristo ao coração de toda a gente, mesmo com o risco de dar a vida por Ele.



Na verdade, esta foi uma condição que colocou quando decidiu tornar-se franciscano: partir para Marrocos e seguir o caminho e atitude dos primeiros cinco frades mártires que conhecera em Coimbra e que o marcaram profundamente.

É esta necessidade de partilhar o seu profundo conhecimento dos evangelhos que é reconhecido por São Francisco de Assis, anos mais tarde, quando Santo António, já em Itália, revela toda a sua erudição em Forlì.

Este reconhecimento é um acontecimento decisivo e mesmo revolucionário para a ordem franciscana: se no início São Francisco ficou encantado pela descoberta da frescura e simplicidade do evangelho de Cristo, opondo-se ao ensino, com Santo António vai alterar a sua posição e permitir, pela primeira vez, o ensino dos frades.

Desta forma, Santo António sem abdicar de toda a sua cultura e sabedoria, não se impondo, leva São Francisco a aceitá-la, através de uma pequena, mas preciosíssima carta, autorizando Santo António a ensinar as Sagradas Escrituras aos irmãos, desde que não perdessem a sua devoção original. Este facto dará abertura para que muito teólogos franciscanos pudessem segui-lo, sendo efetivamente um marco na história e no pensamento teológico-filosófico da igreja.

FERNANDO DE LISBOA ANTÓNIO DE PÁDUA HISTÓRIA DE UMA PAIXÃO INQUIETA

Frei Luciano Bertazzo

Fernando de Lisboa – António de Pádua: a sua história, depois de 800 anos, continua a chegar-nos com uma surpreendente vitalidade e relevância, sendo um ponto de referência de uma devoção universal que caracteriza particularmente o fenómeno da “devoção popular” que, após um período de suspeita teológica, redescobriu plenamente a sua identidade na valorização feita pelo Papa Francisco (perito conhecedor do valor do “povo”), recuperando o que Paulo VI já tinha pensado na proposta de “evangelizar e deixar-se evangelizar pela piedade popular”.



Santo António de Pádua, fresco de autor desconhecido do século XIV, Basílica de Santa Maria Miao, Bérgamo, Itália. Foto de Mario Bonotto, 2016.

À direita: Santo António e São Francisco, Pintura em madeira de pinho, Friedrich Pachter, 1477. Foto Museu de Belas Artes, Budapeste, Hungria.

António, o Frade: foi amplamente apresentado também na sua dimensão histórica, graças a estudos aprofundados que o recolocaram na sua identidade, até se tornar uma “figura chave” para compreender a história franciscana das origens. António, o Santo, uma personagem “bilateral”, quase “bipolar”: o Santo António da devoção popular e o Frei António da história, dois caminhos paralelos que raramente se cruzam, mas que falam da mesma personagem.

Mas quem é Fernando de Lisboa, que se tornou António de Pádua? Precisamente nesta passagem é que podemos encontrar a resposta da sua identidade. Podemos identificá-la em duas palavras: inquietação e paixão.



Frei Luciano Bertazzo. Presidente do Instituto Teológico Santo António Doutor, Pádua, Presidente do Consórcio EFR-Editrici Franciscane. Professor de História da Igreja na Faculdade de Teologia de Triveneto. Autor de uma vasta bibliografia e artigos científicos sobre Santo António e o franciscanismo.

Inquietação evangélica. É a atmosfera que se respirava no mundo cristão do seu tempo. Um mundo em mudança: a busca de novos caminhos, de novas maneiras de viver o evangelho de forma radical, sem acomodamentos com a riqueza e o poder.

Já não era suficiente o espaço do mosteiro, como garantia de salvação e antecipação da “Jerusalém celeste”; começam a abrir-se novos espaços, os da cidade, do comércio, da itinerância.

Um jovem de Assis, Francisco, não menos inquieto e que procurava a verdade sobre si mesmo, tinha tentado, como outros, novos caminhos, fascinando com o seu projecto muitos jovens, decididos a segui-lo no radicalismo evangélico que ele havia escolhido viver. Alguns deles tinham chegado a Coimbra, com o projecto de atravessar a fronteira da cristandade num sonho que encontraria a sua concretização no martírio pelo Senhor. Fernando encontrara-os no mosteiro de Santa Cruz, quando ainda estava seguro de si, embora com muitas tensões; ele os “reencontra” quando são trazidos de volta, mártires de Cristo. É o toque que o faz escolher.

Para cortar os laços com a família, com o mosteiro, com a sua história anterior, muda até de nome e lança-se numa história que gostaria que corresse de acordo com o seu novo projeto: tornar-se mártir de Cristo. Não já como Fernando de Lisboa, mas como Frei António.

Todavia, o seu projeto pessoal de martírio naufraga, não apenas na realidade natural de um mar agitado, mas também no fracasso de um sonho que perseguia. E agora?

Em 1221, encontra-se em Assis. Cerca de cinco mil frades estão reunidos em torno de Frei Francisco, um fundador surpreendido, incapaz de aguentar a mudança do seu sonho inicial vivido com os primeiros doze companheiros. Também ele deve reconfigurar o seu projeto pessoal com o projeto de Deus.

Paixão pelo Evangelho. Quando é enviado para o ermitério de Montepaolo, na Romanha, frei António é um desconhecido. Precisa juntar os estilhaços do seu sonho, confrontando-os com a realidade. É só no “silêncio” que se pode ouvir a voz de Deus que se revela no concreto da história.

A história torna-se presente quando, em Forlì, Frei António se dá a conhecer pelos dons recebidos e um surpreendente conhecimento da Sagrada Escritura. A partir de então, aquele que foi “o amante do ermitério e do silêncio” (Vita prima), torna-se o homem da palavra, pregada, contemplada, anunciada com uma paixão incansável para converter os corações e para que uma vez convertidos construíssem relações humanas e sociais longe da violência e dos abusos.

Inicia uma atividade incansável na formação dos frades, preparando-os para uma pregação baseada na bíblia, conforme o mandato recebido de Francisco, como pregador credível da boa nova e como guardião e ministro dos frades nas terras de França e do norte da Itália.

Não tinha ainda quarenta anos quando, tendo gastado todas as forças na pregação e no apostolado, o seu tempo terminou, a 13 de junho de 1231.

Uma memória bendita, reconhecida pela Igreja com a canonização nem um ano depois da sua morte (30 de maio de 1232); memória que ultrapassou o santuário que a cidade de Pádua lhe dedicou, tornando-se o santo, o protetor dos pequenos e dos pobres, o fiador das graças, que os próprios confrades quiseram levar consigo, reconhecendo a sua santidade, anunciando o evangelho de Cristo até os confins do mundo. ■



Livros

Rui Pedro Vasconcelos

ESPAÇOS LITÚRGICOS DOS PRIMEIROS CRISTÃOS

Os primeiros quatro séculos de história da Igreja constituíram o ambiente no qual se estabeleceram os alicerces da experiência e das linguagens cristãs: as palavras que ainda hoje dizemos e que nos dizem (Cristo, Batismo, Eucaristia, Trindade, Igreja) foram criadas nessa época intensa e fecunda, para exprimirem a história da salvação.

Esta obra apresenta uma coletânea de textos dos quatro primeiros séculos sobre os espaços que os cristãos criaram para celebrar a sua fé. O leitor é introduzido neste património literário por um estudo de Isidro Lamelas – responsável também pela escolha e tradução dos textos – que nos apresenta a lenta transição das igrejas domésticas para as grandes basílicas cristãs. A acompanhar essa transição esteve sempre a convicção de que a presença sagrada, na Nova Aliança, reside na comunidade dos crentes que se reúnem em nome do Senhor; os espaços religiosos – igrejas, basílicas, túmulos de mártires, batistérios – possuem um valor funcional e simbólico, cujas linguagens – edificação, construção – exprimem a vida da comunidade. O progressivo crescimento das comunidades e a maior liberdade de reunião do contexto do Império Romano implicou a necessidade de espaços próprios de celebração que não as casas dos crentes: mas é sobretudo em termos catequéticos e pedagógicos que os autores aqui reunidos apresentam a vida cristã e espiritual em ligação ao espaço e ao tempo.

*Se a casa de Deus somos nós
próprios, somos edificados
nesta vida para ser, depois,
dedicados, no fim do tempo.
S. Agostinho*



Autor
Isidro Pereira Lamelas
Edição
Secretariado Nacional de Liturgia
Páginas
320

TRISÁGIA

A capela Nossa Senhora da Conceição, no Seminário Menor de Braga, acolhe uma escritura a têmpera da autoria da pintora sueca Lisa Sigfridsson, com o título de “Nossa Senhora da Ternura”, inspirada num ícone russo do século XII conhecido como o “Ícone de Vladimir”. A presença desse quadro acompanha um conjunto de poemas do Autor, em que nome de Maria é o fio que os entretece. A estes poemas – reunidos sob o mote de “janelas sem vidros”, segue-se um “diálogo longo” em torno da história deste Ícone. A concluir, um posfácio de João Paulo Costa, sobre o sentido teológico do ícone.

O ícone torna-se uma janela que concentra o olhar do crente num mistério de ternura maternal, através das mediações do poema, do texto, da oração. Num livro bem cuidado do ponto de vista gráfico, o leitor é introduzido numa lenta meditação orante, textual e visual, que fala de Maria na sua mais profunda humanidade – a sua maternidade. Trata-se de um verdadeiro elogio do rosto divino do Amor, feminino e materno, quando a nossa imagem de Deus é, naturalmente, masculina e talvez de alguma dureza. Por isso – e não sendo fácil o acesso público a esta capela e a este ícone –, *Triságia* será um convite dirigido ao leitor a entrar num espaço e num tempo diferentes.

*Quando perdes a terra firme
nas flutuações deste mundo
não afastes os olhos da sua luz
Evita naufragar no redemoinho
das tempestades. Dos oito ventos
– orgulho ambição maledicência inveja
ira avareza indiferença e corrupção –
protege-te a estrela de Maria.*



Autor
Joaquim Félix de Carvalho
Edição
Seminário N. S. Conceição
(Braga)
Páginas
108





O Pai (The Father),
Florian Zeller,
Drama, M/12, EUA/França, 2021.

UM RELÓGIO QUE JÁ NÃO MARCA O TEMPO

Pe. Manuel Monteiro Mendes

Num artigo publicado no suplemento *ípsilon*, do jornal *Público*, de 07 de Maio, por causa do filme *O Pai*, vem destacada esta frase provocadora dita por Anthony Hopkins, o actor: “Nascermos é a grande *blague*. Vivemos e depois morremos. Mel Blanc, o tipo que fez Bugs Bunny, disse: *That’s all folks!* Foi o seu epitáfio. Vivemos, colecionamos coisas, pensamos que somos importantes e no fim tornamo-nos crianças outra vez”.

Começo por aqui porque é assim que o filme termina: Anthony sentado na beira da cama, a chorar no ombro da sua cuidadora que o abraça, como se fosse o colo da mãe. E a gente fica parada, engasgada, como se tivesse um nó na garganta, sem saber o que dizer, a não ser talvez perguntar-se: como será comigo? Como será com os mais velhos que me rodeiam?

Mas não se trata de um filme piegas. Nada disso. É um filme incómodo, forte, duro, labiríntico, fascinante e magnificamente realizado, que exige uma grande atenção do espectador.

Demoramos tempo a conseguir entender o que se está a passar, se é que o conseguimos verdadeiramente. No princípio tudo parece normal e lógico. Até que nos apercebemos que não saímos nunca da mesma casa, da casa que é a cabeça do pai. A certa altura somos nós que estamos baralhados, sem saber onde estamos e quem é quem. Só no final percebemos que vivemos durante uma hora e trinta e sete minutos na cabeça daquele homem idoso já dominado pela demência. É incrível a realização, como é incrível a interpretação.

O filme é uma viagem – quase tão dolorosa para nós como para a filha, sobretudo – pela mente demente de Anthony. E nós ficamos perdidos à procura de encontrar uma lógica para aquela sucessão de caras e situa-

ções, de intenções e emoções, de repetições e obsessões. Às vezes parece verdade, mas logo a seguir já não. Estamos tão perdidos quanto ele.

A mestria do filme está em envolver-nos de tal modo que tanto nos colocamos na pele do pai como no terrível e angustiante lugar da filha. Mas é mesmo ela que nos mostra o quanto sofre ou é o retrato que o Pai nos faz dela nalguns momentos de lucidez? Alguma vez saímos da cabeça de Anthony? Eu não sei responder.

Sei apenas que é um filme obrigatório que se vai agarrar de tal modo a cada um de nós que não mais se apagará da memória. Pelo filme em si. Pelas interpretações. Pelo medo de que um dia nos aconteça o mesmo. Porque já vivemos alguma situação semelhante. O filme expõe diante de nós, de maneira crua e implacável, a extrema fragilidade do ser humano, seja ele quem for. Mostra ‘na perfeição a mudança súbita e inexplicável de estados de espírito: a transição inesperada da simpatia para a crueldade, da teimosia para a súplica, da confiança para a insegurança’. Fala de todos nós.

O Pai é a versão para cinema de uma peça de teatro escrita pelo próprio realizador (Florian Zeller), nascida de uma história pessoal vivida por ele: “Fui criado pela minha avó, que foi uma mãe para mim, e ela começou a sofrer demência quando eu tinha 15 anos”, conta ele (*ípsilon*).

Anthony Hopkins é, mais uma vez, superlativo no papel, pela autenticidade que consegue. Fica-lhe muito bem o Óscar que recebeu. Mas seria muito injusto não destacar a filha (Olivia Colman) na sua luta por se manter ao lado do pai.

Um filme que nos espelha a todos. ■

A empresa social

David Santos

Mohammad Yunus, economista e banqueiro bengali, prémio Nobel da paz 2006, autor do livro *O banqueiro dos pobres*. Foto do Fórum Económico Mundial 2009, em Davos, Suíça, durante a sessão “Restaurando o Crescimento através da Economia Social”. | Wikimedia Commons.

Quero começar por vos contar a história de uma empresa que nos pode ensinar bastante. Era o ano de 1974, e o Bangladesh encontrava-se numa situação muito difícil, causada pela guerra e por consecutivas catástrofes naturais.

Vivendo neste contexto, um professor universitário decidiu agir para melhorar a situação: “Eu sentia uma dificuldade crescente em ensinar elegantes teorias económicas na sala de aula enquanto uma terrível fome grassava lá fora”.

Posto isto, ao tentar perceber o que poderia fazer para ajudar, descobriu que os empréstimos que os pobres obtinham de “prestamistas” para quantias irrisórias, necessárias para subsidiar as suas tentativas de ganhar a vida, eram demasiado exigentes e transformavam-nos em escravos. Nestas condições, por mais que trabalhassem, não iriam conseguir escapar à pobreza.

Assim, para libertar estas pessoas, fez uma lista com o nome das que tinham contraído empréstimo na sua localidade, e tratou de as ajudar. “Meti a mão ao bolso e dei-lhes o dinheiro para pagarem o empréstimo”.

Pensando depois: “Se este pequeno gesto fez tantas pessoas felizes, porque não repeti-lo mais vezes?”. Posto isto, em 1976 e após conversas falhadas com bancos para concederem empréstimos aos pobres (por, no entendimento destas instituições, não serem credores viáveis), decidiu oferecer-se para ser fiador da classe mais desfavorecida e começou a distribuir-lhes empréstimos, assinando todos os papéis que o banco pedia.

O BANCO DA ALDEIA

E como resultou? A verdade é que as pessoas pagavam sempre as suas dívidas dentro dos prazos definidos e servir as necessidades financeiras dos

pobres parecia até um negócio viável. Decidiu então criar um banco para os pobres, chamado Banco Grameen (“banco da aldeia”), para disponibilizar pequenos empréstimos sem garantia, e com algumas características particulares para impulsionar o empreendedorismo e autossuficiência entre o povo do Bangladesh e não a dependência. Desde aí, este banco tornou-se uma instituição bancária a nível nacional, existindo também atualmente programas deste tipo em todo o mundo.

MUHAMMAD YUNUS E A EMPRESA SOCIAL

Muhammad Yunus foi laureado com o Prémio Nobel da Paz, em 2006. Ao começar a ler o seu livro *A empresa social* nos dias anteriores à redação deste artigo, resolvi trazer-vos este magnífico exemplo. Este livro, publicado em 2011, explicita o conceito de empresa social, o conceito de empresa do Banco Grameen.

Por definição, uma empresa social é uma empresa dedicada totalmente à resolução de um problema social usando métodos próprios das empresas, como a produção e a venda de produtos ou serviços. Segundo o autor, existem dois tipos: o primeiro tipo é uma empresa sem prejuízos (autossustentada) nem dividendos, dedicada a um problema social, cujos proprietários são investidores que reinvestem todos os lucros para expandir e melhorar a empresa; o segundo tipo é uma empresa com fins lucrativos cujos proprietários são pessoas pobres.

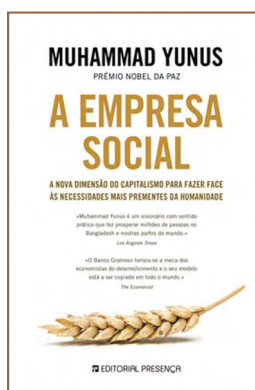
Para o tipo um, existem sete princípios formulados neste livro:

1. *O objetivo principal do negócio é ultrapassar a pobreza, resolvendo um ou mais problemas que afligem os indivíduos e as sociedades, não maximizar o lucro;*
2. *A empresa atingirá a sua própria sustentabilidade financeira e económica;*

3. *Nenhum dividendo é atribuído aos investidores para além do reembolso da quantia investida originalmente;*
4. *Quando a quantia for reembolsada, o lucro fica na empresa, para a sua expansão e melhoramento;*
5. *A empresa é responsável do ponto de vista ambiental;*
6. *Os seus trabalhadores recebem um salário de mercado, com condições de trabalho acima da média;*
7. *Faça-o com alegria!*

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Este tipo de empresa difere de uma organização sem fins lucrativos ou da responsabilidade social empresarial de empresas com fins lucrativos.



No entanto, e sendo que muitos dos leitores poderão trabalhar neste tipo de empresa tradicional, lanço três questões que todos podemos refletir sobre princípios básicos de responsabilidade social que todas as empresas com fins lucrativos deveriam seguir, indo cada uma mais longe que a anterior:

1. A minha empresa está comprometida a não tornar o mundo um lugar mais perigoso do que seria sem o seu negócio?
2. Esta contribui para tornar o nosso planeta mais seguro do que seria sem ela?
3. Cumpre leis e regulamentações relativas à segurança, à responsabilidade ambiental, à integridade financeira, entre outras, e além disso, contribui ativamente para o bem-estar da sociedade a nível local, nacional e global?

As empresas sociais e a responsabilidade social nas empresas têm tido enormes avanços nos últimos tempos. Isto são sinais muito positivos, mas muito há ainda por fazer.

Estando nós ligados ou não ao mundo empresarial, sendo nós proprietários de empresas ou colaboradores, todos podemos retirar lições práticas destes tópicos para o nosso dia-a-dia. Que a nossa missão empresarial (e pessoal) nos leve cada vez mais a alinhar-nos nestes tópicos e a fazer da nossa Casa Comum um lugar inclusivo e digno para todos! ■



David Santos é natural da vila da Benedita e apaixonado por temas de impacto social.

Licenciado em gestão pelo Politécnico de Leiria, trabalha na área comercial de uma empresa de energias renováveis,

É membro da equipa de coordenação da rede “Economia de Francisco Portugal”.

Jovens... e santidade “à portuguesa”

2. Santa Engrácia

Luís Leal

Vamos até Braga para conhecermos melhor a história de Engrácia (Encratis), ali nascida por volta de 1030, mas também venerada nas regiões espanholas de Carbajales de Alba (Zamora) e Badajoz.

O que marca a vida de Engrácia de Braga e justifica a sua santidade é o facto de esta jovem, aos 20 anos de idade, tendo feito um voto de virgindade e desejando entregar-se totalmente a Deus, se ter recusado a casar com o noivo que lhe havia sido imposto por seu pai, tal como era costume naquele tempo.

Desgostosa por sua vontade não ser respeitada, decide fugir, refugiando-se nas montanhas de Carbajales de Alba, na região de Zamora. Contudo, nem aí encontrou sossego: o noivo, sentindo-se desrespeitado e insultado, decide perseguir-lá. Quando a encontra decide matá-la, degolando-a. Não satisfeito, recolhe a cabeça da jovem como troféu da sua vingança e atira o corpo num lago próximo, na esperança de assim “enterrar” a sua própria vergonha. O corpo acabou por ser encontrado por frades eremitas de Santo Agostinho que dão início ao seu culto, construindo ali uma ermida.

Parte central do *Retábulo de Santa Engrácia*, da Igreja de São Pedro de Daroca, Saragoça, Espanha. Este retábulo, da autoria de Bartolomé Bermejo (cerca de 1472-1474) foi desmembrado e espalhado pelos quatro cantos do mundo. Foto: *Isabella Stuart Gardner Museum, Boston, 2015 | Wikimedia Commons.*

São poucas e imprecisas as informações a respeito da identidade, origem e vida desta jovem. Os primeiros escritos que nos falam desta santa são do séc. XV-XVI. Quanto à ermida atrás referida não existem quaisquer ruínas e o mosteiro dos ditos frades já há muito tempo que foi destruído. Outros relatos referem uma outra ermida, construída perto de Badajoz para veneração da sua cabeça. Certa é a trasladação da cabeça de Engrácia para a Catedral de Badajoz, passando a ter veneração oficial a partir de 1580 (mais tarde foi trasladada para a Catedral de Beja, onde acabou por desaparecer, devido a um incêndio).

É problemática a devoção e memória reconstruída sobre esta figura, muitas vezes confundida com Engrácia de Saragoça e Engrácia de Segóvia

A jovem Engrácia de Braga destaca-se pela ousadia, pelo desassombro e pela fidelidade a um projeto de vida cristã plenamente assumido, mesmo a contra corrente das convenções sócio culturais longamente enraizadas. Não será esta uma das mais belas facetas da “santidade juvenil” que a vida de Engrácia tão bem ilustra? ■





Orações a Santo António

Sabes, Santo António, como a minha família enfrenta a dor da doença. Dá-nos forças para viver o que nos está destinado. Peço-te que peças a Deus que nos conceda saúde e discernimento. Que a tua sabedoria nos inunde para tomarmos a melhor decisão de reorganização familiar. Protege os meus filhos do mal e que tomem boas opções de vida!

Meu querido Santo António, protege toda a minha família, principalmente a minha mulher, meus filhos e netos. Dai-me forças para tratar da minha mulher e ajudar a criar os meus netos. *António*

Meu Santo António, amigo e protetor, agradeço toda a ajuda, proteção e graças que me tendes concedido. Neste momento te peço amparo, ajuda e saúde para mim, meus filhos e netas e toda a humanidade. Livrai-nos desta pandemia. Também te peço que me ajudes a encontrar um companheiro amigo que me proporcione um resto de vida feliz, sob a proteção do Senhor e da sua mãe Maria Santíssima. Obrigada! *Augusta*

Querido Santo António, protege a minha sobrinha, olha por ela e transporta-a ao colo! Faz com que seja feliz e afasta dela os pensamentos negros! Prometo que tudo farei para a proteger! Olha também para os meus pais e minha filha! Obrigada! *Alexandra*

Meu Santo protetor, dai-me saúde e alegria. Que os próximos tempos sejam mais calmos e calorosos. Protegei-me a mim e aos meus. Não guardo ódio nem rancor a ninguém. Ajuda-me a ter paz, saúde e alegria. Obrigada pela tua proteção.

Meu querido Santo António, ajuda-me a encontrar a TW. Há 40 anos que não sei aonde ela se encontra. Ainda a amo. Ao fim de todos estes anos queria encontrá-la disponível para casar comigo e, assim, reparar o terrível erro de me afastar dela. Peço imenso perdão e peço-te, meu querido Santo, que proteges e animas os matrimónios, que atendas a minha humilde oração. *Luís*

Santo António, peço-te saúde, paciência e longevidade para a minha família e para a família da minha mulher. Que a vida seja calma e longa e que a minha mulher tenha discernimento no dia a dia, na minha companhia. *António*

Divino Santo, por tua intercessão venho humildemente pedir ajuda para uma jovem, para que Deus nosso Senhor lhe conceda forças e coragem neste momento difícil que está a viver, devido à grave doença que lhe foi agora diagnosticada. Também peço pela sua família. Obrigada, querido Santo António.

Santo António, mais uma vez unidos pela escrita, recorro a ti este mês. Peço saúde para o Tó e para mim, em especial, te faço o pedido para que os exames que vou fazer em junho estejam bem. Concede-me o milagre da paz e dos amigos. Adoro-te e quero-te sempre comigo. *Helena*

Querido Santo António, sou tua devota há muitos anos e peço a vossa intercessão para obter de vós a graça da saúde do meu joelho! Também te peço saúde para toda a minha família, para que possa continuar a ser uma serva do Senhor Deus. Peço a vossa benção ! Rogai por nós! *Débora*

Um dia pedi-te companhia e acreditei que ma deste. Hoje peço-te ajuda e coragem para tomar a decisão difícil de seguir outro caminho. Intercede por mim junto de Nosso Senhor! *Célia*

Neste dia que faço 40 anos de nascimento, agradeço a alegria e a tristeza de todos estes anos. Continua a interceder por mim, para que possa, com o meu trabalho e a minha vida, ser um veículo do teu amor. Amén! *Joana*

Querido Santo António, casei aqui nesta igreja, há 34 anos. Amo o meu marido mais do que tudo no mundo. Não o leveis de ao pé de mim, curai-o do cancro. Ser-te-ei eternamente grata. *Eduarda* ■

A graça do encontro

Fabio Scarsato

Ilustração: Luca Salvagno

Na Úmbria, a primavera já adivinhava o verão. Apesar da frescura da espessa floresta que rodeava a pequena igreja de Santa Maria dos Anjos, no sopé da colina de Assis, o som ensurdecedor das cigarras não deixava lugar a dúvidas.

Nada, no entanto, que pudesse preocupar Frei Francisco e os seus companheiros, reunidos de todas as partes da Europa para o tão aguardado “Capítulo” que foi chamado “das esteiras”. Formavam um grupo colorido de aventureiros, jovens e menos jovens, sotaques estranhos, vestidos pobrementemente, com uma túnica, um capuz e uma corda com três nós.



Fontes bem informadas garantem-nos que entre eles estava um jovem português, chegado da longínqua Sicília, do qual não se sabia praticamente nada.

Tinha entrado nas fileiras dos frades, havia alguns meses, e, como eles, tinha começado a andar descalço pelos caminhos do mundo, vivendo na pobreza e na fraternidade. O que é certo, acrescentam os bem informados, é que esta foi a primeira vez que Frei António se encontrou pessoalmente com Frei Francisco. Uma oportunidade importante, pelo menos para o primeiro dos dois, para esclarecer melhor as diferenças entre um cônego regente de Santo Agostinho e um frade menor. António bem tinha tentado, mas, a julgar pelos resultados, com pouco sucesso ou, pelo menos, muitas dúvidas.

Neste ponto da história, mesmo aqueles que sabem tudo não nos podem dizer mais nada. Ou seja, ninguém se preocupou em transmitir-nos o relato detalhado do encontro daqueles que se tornarão dois dos maiores santos de todos os

tempos: São Francisco de Assis e Santo António de Coimbra, de Lisboa e de Pádua!

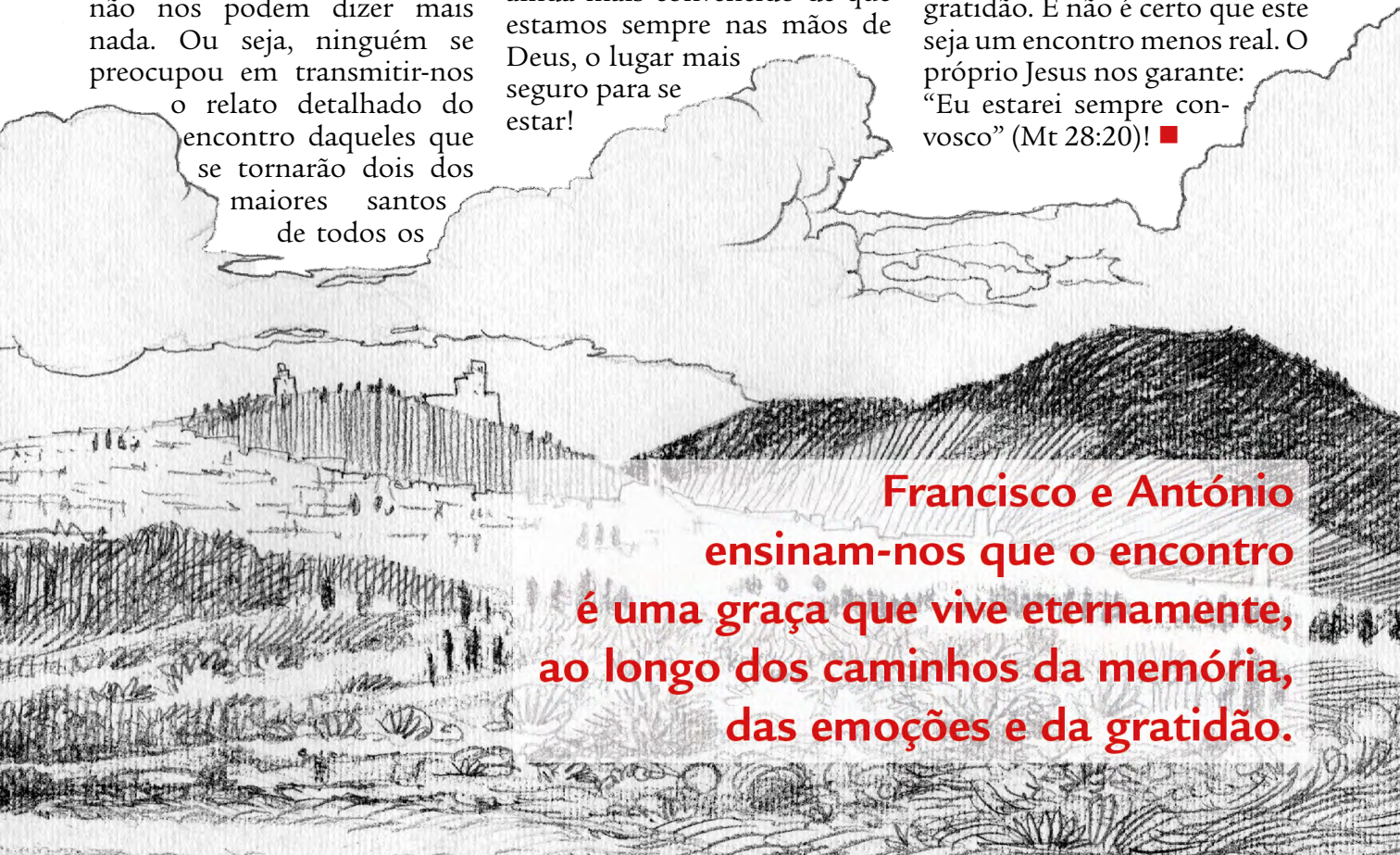
Porém, apesar de não termos os detalhes, temos a certeza de que houve o encontro. As provas? Encontramo-las com abundância nas suas vidas. É como se a realidade do seu encontro não estivesse tanto no relato pormenorizado do que fizeram e disseram: o abraço de boas-vindas, as apresentações habituais, o sentar-se um ao lado do outro, falando longamente entre si, se calhar, até ao ouvido. Nada. Nem sequer uma *selfie* que nos mostrasse as suas caras alegres e o cabelo desalinhado. No entanto, a partir deste momento, António tornou-se mais “frade” António: amigo dos pobres e do povo, mais convencido de que, se queremos a paz, temos de acolhê-la primeiro, no nosso coração e lutar pela justiça, arriscando a cara e a vida. E ficou ainda mais convencido de que estamos sempre nas mãos de Deus, o lugar mais seguro para se estar!

Francisco chega até a escrever-lhe uma carta lembrando isso mesmo:

Para Frei António, meu bispo, Frei Francisco deseja saúde. Congratulo-me contigo pelo facto de ensinares a sagrada teologia aos frades, desde que nesta ocupação não extingas o espírito de oração e devoção, como está escrito na Regra. Fica bem!

Não restam dúvidas de que o encontro aconteceu mesmo! A vida de António é mais do que suficiente para termos a certeza.

Não experimentamos isto, nós também, quando não podemos encontrar-nos com familiares e amigos? Francisco e António ensinam-nos que o encontro comporta o próprio fim e que a amizade também vive da ausência. Fisicamente, porque na verdade continua na vida de cada um de nós, espiritualmente, ao longo dos caminhos da memória, das emoções, da gratidão. E não é certo que este seja um encontro menos real. O próprio Jesus nos garante: “Eu estarei sempre convosco” (Mt 28:20)! ■



Francisco e António ensinam-nos que o encontro é uma graça que vive eternamente, ao longo dos caminhos da memória, das emoções e da gratidão.

Um cardeal franciscano

Frei Mauro Gambetti e o Papa Francisco na Basílica Superior de São Francisco, durante a visita pastoral a Assis, a 4 de outubro de 2013.

À direita: Cardeal Gambetti, Roma, 1 de abril de 2021.

Fotos: Cristian Gennari/Siciliani.

Frei José Carlos Matias

Caros leitores, hoje estamos em diálogo com frei Mauro Gambetti, até há pouco Custódio do Sagrado Convento de Assis e que, surpreendentemente, foi feito cardeal no passado mês de novembro, pelo Papa Francisco. Partilho convosco algumas passagens da entrevista de Sabina Fadel, publicada no *il Messaggero di Sant'Antonio*, de abril de 2021.

Se não fosse a cruz que traz ao peito, não diríamos que é um cardeal, pois continua a vestir o hábito franciscano que sempre usou e continua com a mesma forma de ser: simples, alegre e direto. Mauro Gambetti tornou-se cardeal no dia 28 de novembro de 2020 e foi nomeado, pelo Papa Francisco, Vigário-Geral para a Cidade do Vaticano e Presidente da Fábrica de São Pedro, no dia 21 de fevereiro de 2021.

Frei Mauro, não sabia mesmo de nada quando, no dia 25 de outubro, o Papa Francisco o nomeou cardeal?

Não, não sabia de nada. Quando o Papa disse o meu nome, no fim da oração do *Angelus*, eu estava ocupado numa reunião com uma pessoa e, de repente, comecei a receber muitos telefonemas. Fiquei preocupado e pensei que tivesse acontecido alguma coisa grave. Assim que terminei a reunião com a pessoa liguei para um amigo, que me deu a notícia. Ao início pensei que fosse uma brincadeira. Até fui ver ao site do Vaticano e não encontrei lá nada.

E depois? O que pensou?

Pensei... que a minha vida tinha mudado de forma radical.

Quais são os objetivos a que se propõe enquanto cardeal?

À parte o mandato e a função específica que o Papa Francisco me confiou, quero ser servo fiel do Papa e da Igreja segundo o espírito de São Francisco, em humildade e obediência, mas

também com a criatividade que faz parte do nosso carisma franciscano.

O seu mote episcopal, *Omnibus subiecti in caritate*, faz parte da expressão de São Pedro (1 Pe 2, 13) e de São Paulo (Ef 5,21) (*Submisso a todos por amor*). É uma clara referência à espiritualidade franciscana: “Não façam discussões nem contendas, mas sejam submissos a toda a criatura humana por amor de Deus” (Francisco de Assis, *Regra não bulada*, XVI, 6).

Estou convencido de que este deveria ser o modo de viver a fé para todo o cristão e não só para quem tem de viver um ministério dentro da Igreja. Antes de São Francisco, foi o próprio Jesus a traçar este caminho para os seus discípulos: somos chamados a ser submissos uns aos outros.

O Papa Francisco, a começar pelo nome que escolheu, demonstrou apostar muito no “franciscanismo”. A sua nomeação segue também esta direção?

Creio que a questão não é “franciscanizar” a Igreja, mas beber de alguns aspetos da espiritualidade franciscana que hoje podem ajudar a responder aos desafios que o mundo nos coloca e que permitem testemunhar, de forma simples e imediata, a mensagem de Jesus. Basta olhar para os temas clássicos do Cristianismo, como a promoção da paz e a defesa da criação.

Temos de aprender com Santo António a ser mais incisivos na vida social, económica e política

Ou para a fraternidade, se pensarmos na encíclica *Fratelli tutti*. Há um novo estilo de ser Igreja presente no mundo franciscano e no Papa: a menoridade.

O frei é proveniente da Província Italiana de Santo António, dos Frades Menores Conventuais. Quem é para si Santo António?

É um grande Santo que me acompanha desde o meu nascimento: o meu segundo nome é António. Antes de entrar no convento, passei um longo período longe da Igreja. Licenciiei-me em Engenharia Mecânica, tinha uma namorada e estava a trabalhar numa empresa familiar, mas já não vivia a dimensão da fé. A minha mãe e a minha avó estavam preocupadas e rezavam a Santo António por mim.

No entanto, quando disse em casa que queria tornar-me frade, a resposta atónita da minha mãe foi: “demasiada graça Santo António! Eu só tinha pedido que o Mauro voltasse à Igreja e não que se tornasse frade”.

De facto, ao início, não é que a minha família tenha exultado de alegria com a minha decisão de ser frade; isso só veio mais tarde, com o tempo.

Mas para além da minha experiência pessoal, creio que Santo António é um Santo que todos sentem muito próximo.

Santo António foi muito importante na história do “franciscanismo”: grande orador, tinha o dom da palavra e falava da vida concreta. Nós, franciscanos, temos de aprender com ele a ser mais incisivos na vida social, sem ter medo de entrar nas dinâmicas económicas e políticas. Ele viveu uma espiritualidade muito concreta no contexto onde vivia e num horizonte de universalidade. A nós, pede-nos que façamos o mesmo. ■



Há um novo estilo de ser Igreja presente no mundo franciscano e no Papa: a menoridade.

Solidariedade universal

A PALAVRA DE DEUS

E disse-lhes: “Ide por todo o mundo, proclamai o evangelho a toda a criatura. Quem acreditar e for batizado será salvo; mas quem não acreditar será condenado. Estes sinais acompanharão quem tiver acreditado: em meu nome expulsarão demónios, falarão línguas novas, pegarão em serpentes com as mãos e, se beberem algum veneno mortal, não lhes causará nenhum mal; imporão as mãos sobre os enfermos, e estes ficarão bem”.

Assim, o Senhor Jesus, depois de ter falado com eles, foi elevado ao céu e sentou-se à direita de Deus.

Eles partiram, então, a proclamar por toda a parte.

O Senhor cooperava com eles e confirmava a palavra pelos sinais que a acompanhavam.

Mc 16, 15-20



Santo António e outros frades

A PALAVRA DE SANTO ANTÓNIO

Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda a criatura,
a todo o género humano, que tem algo de comum a toda a criatura:
aos Anjos, aos animais, às árvores, às pedras, ao fogo e à água, ao frio e ao quente, ao húmido e ao seco,
porque o homem chama-se microcosmo, isto é, um mundo em miniatura...

Quem acreditar...

Na altura, faziam-se sinais para converter os infiéis; agora, porém, tendo crescido a fé, os sinais cessaram.
Nós também, quando plantamos arbustos, só lhes deitamos água até assentarem bem na terra.

Em meu nome expulsarão demónios: a sabedoria da carne e a astúcia do mundo.

Falarão novas línguas: a verdade da consciência.

Pegarão em serpentes: a adulação e a detração.

E se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal: as sugestões pestilentas não se transformarão em obras.

Imporão as mãos sobre os enfermos e estes ficarão bem;

doente é o pecador: põe as mãos sobre ele, para voltar à penitência, aquele que o conforta não só com a palavra da pregação mas também com o exemplo das boas obras.

Sermões de Santo António, Ascensão do Senhor



Frei Valentim Strappazzon

distribuindo o pão aos pobres, óleo sobre cobre de Willem van Herp o Velho, 1662, National Gallery, Londres, Inglaterra | Wikimedia Commons.

APROFUNDEMOS

No Sermão da Ascensão do Senhor, Santo António deixa-nos três ensinamentos muito atuais: a solidariedade do homem com a criação, os milagres dos crentes e a cura espiritual dos enfermos.

O homem, diz António, é um “pequeno mundo em miniatura”, um microcosmos, que concentra em si todos os elementos da criação. “Microcosmos” vem de São Jerónimo, mas encontra-se, também, em Santo Agostinho e ambos o herdaram dos Padres da Capadócia, Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa. O Papa Francisco fez disso uma mensagem urgente para o nosso tempo, devido à estreita ligação entre o homem e a criação: “Lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos a construir o futuro do planeta. Precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental, que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós. [...]. Precisamos de uma nova solidariedade universal” (*Laudato si'*, 14).

“Os sinais que acompanham os que creem”, escreve António, cessaram. Foram feitos para os infiéis, mas agora a fé cresceu e, como um arbusto que ganhou força, já não precisa de ser regada. E cita uma homilia de São Gregório sobre os Evangelhos:

Talvez, irmãos, vos considerais sem fé porque não operais estes prodígios? Temos outras considerações mais subteis a fazer a respeito desses sinais e prodígios. A Igreja realiza todos os dias de forma espiritual o que então fazia concretamente por meio dos apóstolos. Por exemplo, quando os cristãos percebem que o seu próximo está fraquejando na prática do bem e o ajudam com o seu exemplo, o que é que fazem senão impor as mãos sobre os doentes para eles recuperarem a saúde? Estes prodígios são ainda maiores, porque são de ordem espiritual e, realizados do fundo do coração, convertem-nos à verdadeira vida.

Portanto, ajudemos o nosso próximo, não só com palavras, mas com boas obras. ■



A política necessária - O amor político

A política não deve submeter-se à economia e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma eficientista da tecnocracia... Não se pode justificar uma economia sem política, porque seria incapaz de promover outra lógica para governar os vários aspetos da crise atual... Penso numa política salutar, capaz de reformar as instituições, coordená-las e dotá-las de bons procedimentos, que permitam superar pressões e inércias viciosas (FT 177).

A partir do *amor social* é possível avançar para uma civilização do amor a que todos nos podemos sentir chamados. Com o seu dinamismo universal, a caridade pode construir um mundo novo, porque não é um sentimento estéril, mas o modo melhor de alcançar vias eficazes de desenvolvimento para todos (FT 183).

Por outro lado, é grande nobreza ser capaz de desencadear processos cujos frutos serão colhidos por outros, com a esperança colocada na força secreta do bem que se semeia. Ao amor, a boa política une a esperança, a confiança nas reservas do bem que, apesar de tudo, existem no coração do povo (FT 196).

Interesses económicos e geopolíticos bloqueiam o desenvolvimento e a paz, condenando à pobreza milhões de crianças. Poderá o amor social contaminar a política e converter as estruturas de poder em estruturas de serviço?

Crianças palestinianas aguardam uma refeição cozinhada por Amel Abu Amra. Pobre como elas, Amel cozinha e distribui refeições através de donativos que angaria. Foto EPA/ Mohamed Saber, Gaza, 2021. *Moedas de ouro, com mais de mil anos, descobertas na Cidade Velha de Jerusalém.* Foto EPA/ Sabir Sultan, Jerusalém, 2020. Fotomontagem MSA.